À minha saudosa Mãe,

Aos meus treinadores na equipa
do Sporting Clube de Portugal:

JOSÉ SEZABO
CONRAD
JOAQUIM FERREIRA
DR. ABRANTES MENDES
CÂNDIDO DE OLIVEIRA
ROBERT KELLY
E
ALEXANDRE PEICS

•

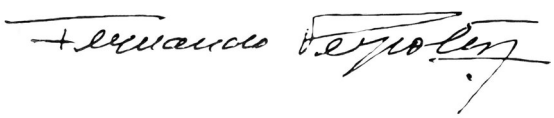
AOS SELECCIONADORES NACIONAIS

•

À IMPRENSA E À RÁDIO

E ao grande público
adepto do futebol

Com o agradecimento e a saudade



E já lá vão tantos anos...

É verdade! Se estivesses fisicamente vivo terias feito 100 anos no passado dia 10 de Março de 2018.

Mas para mim, para os teus gémeos (meus irmãos) e para muitos (cada vez mais), continuas bem vivo nas nossas memórias.

Lembro-me de ti, pessoa afável e bem disposta, sempre pronta para ajudar os outros, como se fosse ontem. Recordam os teus recordes, os teus golos, os teus feitos. Foste um grande jogador, és um ídolo para muitos, envolvem-te numa aura de elogios, mas para mim serás sempre o Homem, o Grande Pai.

Ao longo deste livro explicaste a enorme luta que foi a tua vida. Neste livro mostraste-me como a simplicidade e a sinceridade podem ser a chave para o grande interesse do teu percurso.

Sim, já lá vão tantos anos... mas para mim continuas cá, comigo!

Um beijo do teu filho,
Fernando Manuel Panciro
de Seixas Peyroteo

PREFÁCIO DE

CÂNDIDO DE OLIVEIRA

Fernando Peyroteo foi, sem dúvida, o nosso mais extraordinário avançado-centro. Não terá sido porventura o avançado-centro mais popular, por nunca ter jogado no Benfica, que é, sem dúvida, o clube de maior projecção nas camadas populares, tanto por ter sido desde a sua origem um emblema restritamente português, outro tanto, se não ainda mais, por adoptar a camisola vermelha, a cor que exerce mais demorada e mais agradável sensação na retina do espectador. Mas, sem ter sido tão popular como Vítor Silva e Espírito Santo (dois excelentes jogadores da mesma posição, ambos do Benfica), conseguiu ser, na opinião geral, o mais notável de todos os avançados-centro, devido à sua extraordinária propensão para a tarefa principal desse posto, e que é, como sabemos todos, o poder de remate à baliza. Bastará recordar que durante a sua carreira de jogador do Sporting e da Seleção Nacional, que foi prematuramente interrompida, marcou 700 golos — uma enormidade! E se ele tem continuado a jogar, como podia e devia ter sucedido, alcançaria por certo o magnífico recorde de um milhar de golos.

Realmente, Peyroteo retirou-se cedo demais, devido a um conjunto de circunstâncias que não vem ao caso referir. Contava apenas trinta anos e, como se diz na gíria do futebol, tinha tudo bom. Efectivamente, estava então não só na plena posse das suas excepcionais faculdades atléticas, como possuía, ao mesmo tempo, uma integridade funcional e técnica absoluta, resultante não só da experiência adquirida, como do facto invulgar, em futebolistas e sobretudo em avançados-centro, de não ser portador de qualquer das lesões articulares ou musculares que

tradicionalmente inferiorizam o jogador a partir de certa idade ou de longa permanência no jogo.

Fernando Peyroteo deixou de jogar pouco tempo depois de termos dado por finda a nossa missão no Sporting, como orientadores da equipa que foi chamada de Cinco Violinos. *A saída de Peyroteo, como não podia deixar de ser, afectou notavelmente a capacidade realizadora da linha de ataque, e os dirigentes sportinguistas, pensando, generosamente, que o nosso regresso poderia traduzir-se num acréscimo de poder da equipa, solicitaram-me, no decurso dum jantar oferecido pelos corpos gerentes ao malogrado Dr. Ribeiro Ferreira, que regressasse à equipa. Sinceramente convencido de que não era a falta da nossa colaboração a causa dos insucessos, manifestámos a impossibilidade de anuir à solicitação, ao mesmo tempo que acentuámos: «Vão buscar o Peyroteo, que é, afinal, o que mais está faltando à equipa — e tudo se recomporá!» Esta solução, ao que parece, não foi ou não era muito viável. Fernando Peyroteo não voltou ao jogo e, com ele, desapareceu do nosso futebol — da equipa do Sporting e do onze nacional — a peça mais influente do ponto de vista dos resultados!*

Pouco tempo adiante, Peyroteo realizou a «festa de despedida» e coube-nos a dura tarefa de dizer algumas palavras, nesse momento, em jeito de elogio... fúnebre! Não temos, agora, possibilidade de reler o que então dissemos, mas na nossa memória perdura, e perdurará sempre, a lembrança de havermos dito: «Muitos anos hão-de passar antes de surgir no nosso futebol um avançado-centro com as excepcionais qualidades técnico-atléticas de Fernando Peyroteo»!

Já vão decorridos quase dez anos e, sem menosprezo pelos seus sucessores no onze nacional e no do clube, ainda não se vislumbra um jogador à altura de preencher cabalmente o seu posto, revelando um idêntico poder de remate e uma tão portentosa propensão para marcar golos — de qualquer forma! Repetimos, esta observação não deve ser entendida como traduzindo menos apreço pelas qualidades técnico-atléticas dos raros avançados-centro de boa qualidade que o nosso futebol tem possuído desde que Peyroteo desapareceu dos campos de futebol. Não. Por exemplo, José Águas, outro angolano como Fernando Peyroteo, tem sido, sem dúvida, quando em plena forma, um excelente avançado-centro, com um poder, uma facilidade e precisão de remate muito apreciável, mas — eis a questão! — ainda não atingiu o conjunto de qualidades (especialmente em termos de remate, poder atlético e endurance*) que celebrizaram Peyroteo e o tornaram, a um tempo, o maior inimigo dos guarda-redes e o avançado mais policiado pelos jogadores de defesa.*

Dez anos depois de ter «arrumado as botas de futebol», Fernando Peyroteo, à maneira dos grandes internacionais, decidiu-se a reunir em livro as suas memórias de futebolista e desejou, amavelmente, que fôssemos nós a escrever algumas palavras em jeito de prefácio.

Desejamos confessar a nossa satisfação pelo encargo e só lamentamos que este contributo em nada valorize o seu livro de memórias, que aliás está apresentado por si próprio, dada a projecção do seu autor nas camadas desportivas nacionais, que não podem, decerto, deixar de aguardar com viva curiosidade uma obra recheada de sugestivas evocações da afortunada carreira futebolística do nosso mais notável avançado-centro. A nossa anuência, por isso mesmo, não possui outro significado que não seja manifestarmos de novo a nossa sincera e constante admiração pelo talento futebolístico de Peyroteo, o jogador português mais notável como avançado-centro que conhecemos até hoje — e desde os tempos já muito distantes «das balizas às costas»!

As memórias de Peyroteo, por certo, não podem ser, acima de tudo, uma alta afirmação de pendor literário-desportivo, o que aliás também acontece com os livros de memórias de alguns jogadores ingleses de grande nomeada, apesar de não poucas vezes, quanto a essas obras, esses livros não terem dispensado a colaboração literária de jornalistas desportivos... E, no caso de Peyroteo, foi ele próprio que delineou a obra e redigiu integralmente as páginas que vão decerto surpreender agradavelmente o leitor, quanto mais não seja pelo magnífico repositório de factos, de episódios, de lembranças e de ideias originais que o enformam.

Dentro das suas características particulares, que admiravelmente reflectem o temperamento e o espírito do autor, as memórias de Fernando Peyroteo são tão aliciantes, que, não temos a menor dúvida, hão-de prender tão vivamente a atenção do leitor, que o livro será lido numa verdadeira galopada. E para esse verdadeiro êxito muito há-de contribuir a circunstância de Fernando Peyroteo ter moldado o seu livro, de sorte que ele ganha aqui o aspecto de pura biografia e logo a seguir surge um aspecto novo, de evocação de factos e episódios vividos, a lembrança dum jogo, dum golo, dum pequeno incidente, de uma saborosa anedota, de tudo um pouco, e sempre com uma nuca atraente de cunho pessoal, sadio e jovial.

Este livro de Fernando Peyroteo resiste vitoriosamente a um confronto com os livros semelhantes publicados pelos mais notáveis jogadores de outros países. Nenhum conhecemos mais susceptível de cativar o espírito dos afeiçoados do futebol e de o suplantar pela originalidade ou pela escolha de motivos para provocar interesse, curiosidade ou, até, um bem-humorado sorriso.

A figura de Peyroteo, como futebolista e, mais, como homem de desporto, não sai diminuída sob qualquer aspecto deste seu esplêndido livro, que, estamos certos, constituirá o que, em síntese, costuma chamar-se um autêntico êxito de livraria.

Em resumo: a leitura deste curioso e valioso livro de memórias de Fernando Peyroteo há-de contribuir também para se perceber melhor a sua figura de avançado-centro de classe excepcional, as suas ideias pessoais sobre o jogo, os casos e os homens do futebol e, mais ainda, há-de fazer compreender que, realmente, há motivo para deplorar que ele não tivesse prolongado a sua portentosa carreira de jogador até ao limite das suas magníficas e invulgares faculdades futebolísticas!

Finalmente, há que agradecer-lhe a lembrança deste livro que permite reviver com frequência e amplidão a figura do avançado-centro n.º 1 de Portugal — até ao presente!

Cândido de Oliveira

Leitor amigo

Realizei o meu jogo de estreia a 12 de Setembro de 1937, no antigo Estádio das Salésias. Por adversário tive a sempre gloriosa equipa do Sport Lisboa e Benfica.

Não foi má estreia. Ganhámos por 5-3 e eu marquei — integrado no *team* do Sporting — dois golos!

O último jogo oficial foi contra o Oriental, a 11 de Setembro de 1949, no Estádio de Alvalade. Vitória por 8-0; marquei três golos.

Depois, a 5 de Outubro desse mesmo ano (1949), despedi-me, voluntariamente, do futebol em competição e a sério. Portanto, desde que cheguei a Lisboa, joguei futebol doze anos menos um dia.

O que foi a minha vida desportiva vai o leitor saber, se tiver paciência para ler as páginas que se seguem. Vou contá-la com toda a verdade e franqueza, mas sem pretender ferir ou molestar seja quem for. Por educação e temperamento, não sou vingativo nem guardo rancores. Mas se ao escrever o meu livro de memórias escondesse ou deturpasse a verdade, contando aos leitores apenas o que me conviesse, deixaria de ser franco, leal, sincero, verdadeiro e até honesto para com a minha própria consciência. Da rectidão de carácter à maldade vai um abismo!...

O verdadeiro desportista é correcto, leal e franco, embora, por vezes, tenha de ser um tanto... duro — como é próprio do futebol... Negar essas qualidades ao escrever o meu livro de memórias seria deitar por terra tudo quanto em doze anos me esforcei por demonstrar, dentro dos rectângulos de futebol e na minha vida particular.

Mas repito: não há azedume nem maldade.

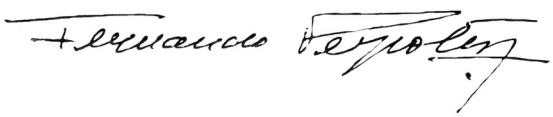
Ficarei satisfeito se os novos tirarem alguma lição proveitosa da leitura das páginas deste livro, e, também, se elas contribuírem, de algum modo, para que os mais velhos ponderem nas resoluções a tomar, evitem erros, dominem paixões, os nervos e os excessos que, embora involuntários, prejudicam terceiros, sem dignificar quem os comete...

Ao escrever o meu livro de memórias não me preocupei com «estilos»; não procurei palavras bonitas ou frases de efeito. Além de me faltar competência — e porque a finalidade é contar alguns episódios da minha vida desportiva —, tudo veio ao correr da pena. Tudo simples — como quem conversa! E digo «alguns episódios» porque — santo Deus! — aonde chegaria eu se enveredasse pelo caminho de contar a par e passo o muito que vivi, o muito que se passou de bom e mau enquanto dei pontapés na bola! O leitor pode acreditar que tudo quanto fica por dizer chegaria para outro livro...

Que me desculpem os gramáticos, aos quais, evidentemente, não me atreverei a remeter um exemplar destinado a crítica... Então, sim, iria tudo por água abaixo...

Seja, portanto, o que Deus quiser.

O AUTOR



... Assim se faz desporto
em África e assim são os filhos
da minha querida Angola...

Vai decorrido mais de meio século.

A bordo de um velho navio que largara de Lisboa para vencer o Atlântico com rumo à misteriosa África de há cinquenta anos, seguiu um casal de portugueses metropolitanos, acompanhado de dois filhos pequeninos.

O chefe da família, natural de Torres Novas, ia tomar posse de um lugar superior no estudo e traçado dos caminhos-de-ferro que hoje ligam a cidade de Moçâmedes ao planalto da Huila.

A sua esposa, natural de Lisboa, pensava em servir-se do seu curso de professora para leccionar e, trabalhando, auxiliar o seu marido.

Os seus nomes: José de Vasconcelos Peyroteo e Maria da Conceição de Seixas Peyroteo.

Dezoito anos depois, o casal contava doze filhos — nove rapazes e três raparigas —, sendo três naturais da metrópole e nove de Angola.

O autor destas memórias é o décimo primeiro. Nasceu na vila de Humpata, distrito de Huila, a 10 de Março de 1918.

O caminho-de-ferro atingira a Umbia, no sopé da serra da Chela.

Vencida esta, o comboio chegaria ao Lubango — hoje Sá da Bandeira —, terminando a primeira fase dos trabalhos.

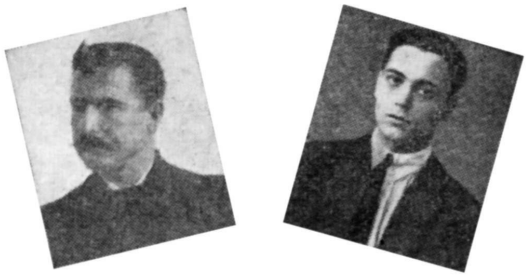
Envelhecido e cansado, vítima do trabalho e do clima, o meu Pai teve de regressar a Moçâmedes, onde uma violenta crise cardíaca o vitimou.

Com doze filhos, o mais velho de 18 anos e a mais nova com sete meses, a minha Mãe teve, então, de fazer uso, por necessidade, do seu curso. Até então leccionara pelo gosto e prazer que sentia no ensino e convívio com as crianças, sem que os proventos que auferia fossem indispensáveis à economia do lar.

Agora, quando apenas os dois filhos mais velhos estavam empregados e mal ganhavam para si, a falta do meu Pai assumia aspectos de tragédia em nossa casa.

Dotada de coragem invulgar, de uma força de vontade indomável, consciente do seu dever, a minha Mãe decidiu-se a lutar.

Lutou e venceu!





A fotografia que reproduzo foi tirada, em Moçâmedes, já depois do falecimento do meu Pai, que se vê, em cima, à esquerda. Também em cima, à direita, se vê o meu irmão Ricardo, que nasceu em Lisboa e por aqui ficou. Sentados, da esquerda para a direita: a minha irmã Maria Hortênsia, a minha Mãe e o meu irmão José (o primogénito); de pé, da esquerda para a direita, os meus irmrãos Jorge, Júlio, Maria Alice, Álvaro, Maria Júlia, Manuel, eu, Américo e Mário.

Conseguida a nomeação para professora oficial em Moçâmedes, começou a trabalhar como funcionária do Estado.

Nas horas vagas e à noite, dava lições particulares.

Não encontrarei palavras para descrever o que foi a sua vida de trabalho, de sacrifício e até de heroísmo, para criar e manter, decente e honestamente, todos os filhos.

Que o leitor, chefe de família, se detenha um pouco e avalie por si próprio.

Quando o meu Pai faleceu, contava eu pouco mais de dois anos.

Quis Deus dar-me por Mãe não apenas uma mulher, mas uma heroína e uma santa.

À sua memória dedico as páginas deste livro.

. . .

O meu Pai casou duas vezes e do seu primeiro matrimónio, com Leonor Micaela de Bívar Moreira de Brito Peyroteo — de quem enviuvou —, nasceram três filhos: Maria Amélia, Henrique e Berta de Bívar Vasconcelos Peyroteo.

Do segundo matrimónio, com Maria da Conceição de Seixas Peyroteo, nasceram, como já referi, doze filhos.

OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA LONGA CAMINHADA...

Seria fastidioso descrever minuciosamente como iniciei a minha vida de futebolista, em Moçâmedes.

Tal como a maioria dos mais famosos jogadores portugueses de todos os tempos, comecei por dar pontapés em bolas de trapos, depois nas de borracha, e, por fim, em bolas com o peso e dimensões regulamentares para a prática do *football association*.

Lembro-me de que o primeiro grupo de que fiz parte só conseguiu comprar uma dessas bolas, destinada exclusivamente aos jogos de competição, mercê de subscrição aberta entre os próprios jogadores — rapazes cujas idades oscilavam entre os oito e os nove anos.

A formação das equipas constituía um sério problema, porque nem sempre compareciam 22 jogadores. Daí a necessidade de escolher entre os «ases» presentes.

Dois dos mais categorizados saíam do grupo, afastavam-se alguns metros e caminhavam na mesma direcção, colocando um pé em frente do outro, até se encontrarem. Aquele cujo pé, no momento do encontro, se sobrepusesse ao do antagonista ficava com o direito de iniciar a escolha, que se fazia alternadamente.

E travava-se o diálogo:

— O Zé é meu...

— O Fernando é meu...

— O António é meu...

E assim se constituíam os dois grupos.

Moçâmedes é uma cidade do litoral de Angola, a última da ponta sul, e à qual um poeta chamou «Sintra de África».

Só havia um campo destinado à prática do futebol, reservado aos adultos. De sorte que nós, os miúdos, disputávamos os jogos num parque conhecido como «Avenida dos Eucaliptos».

Contra a inegável vantagem de jogarmos sob a sombra acolhedora dos gigantescos eucaliptos, que nos resguardavam dos efeitos perniciosos do sol tropical, lutávamos com a dificuldade de ter de conduzir a bola por entre as árvores e a necessidade de fugirmos ao adversário que surgia por detrás delas.

As balizas eram constituídas por dois troncos de árvores, que, embora estas tivessem sido plantadas mais ou menos simetricamente, não estavam, de um lado e do outro, à mesma distância. Mas isso não nos preocupava, porque, com metade do tempo decorrido, mudávamos de posições, ficando, desse modo, estabelecida a igualdade.

Ora, em frente do saudoso «Campo dos Eucaliptos», existia a Farmácia Correia Mendes, pertencente a um simpático velhinho que sempre me estimou e que eu jamais deixei de respeitar.

Recordo o bom velhinho, não só porque escrevia com uma letra muito miudinha, muito certinha e bonita — que não me cansava de admirar —, mas porque era dentro da sua farmácia que estava o relógio que indicava o momento de «mudar de campo». Isto porque a segunda parte do jogo durava, invariavelmente, enquanto se visse a bola.

O cronometrista das partidas era um garoto, mais ou menos da minha idade, que me lembro chamar-se Bacalhau. Por ser enteado

do simpático farmacêutico Correia Mendes, era o único a quem não faltava a coragem para, de vez em quando, ir ver as horas, entrando na farmácia e saindo em correria louca. Outro que fosse e o nosso Correia Mendes logo se enfurecia.

E assim principiei a jogar futebol. Tudo se passou como é natural acontecer entre crianças.

Não fui menino-prodígio.

Só aos 12 anos comecei a mostrar verdadeiras qualidades para a prática do futebol.

Convém acentuar que, já nesse tempo, na pequena e linda cidade de Moçâmedes, situada, porém, no extremo sul de Angola, a mocidade praticava desporto, fazendo alguma coisa mais do que dar pontapés nas bolas.



Com 12 anos de idade, apoiado no braço forte do meu irmão Américo.

Fazíamos ginástica sueca; praticávamos natação, remo, ténis, equitação e atletismo, este em menor escala por carência de mestres possuidores dos indispensáveis conhecimentos para bem ensinar.

Na cidade, havia, nesse tempo, quatro clubes desportivos: o Sporting, o Royal, o Ginásio e o Atlético. Tal como quase no mundo inteiro, o futebol é o desporto que mais adeptos conquista. Nunca faltaram jovens com vontade e jeito, nem jamais se disputou um prélio sem entusiásticos e numerosos espectadores.

Seis dos meus irmãos mais velhos foram muito bons praticantes da modalidade e creio que quatro deles jogaram, ao mesmo tempo, na primeira categoria do Sporting Clube de Moçâmedes, que, à época, já possuía uma equipa composta por elementos cuja classe ainda hoje teria aceitação nos quadros de futebol dos principais clubes metropolitanos.

Entretanto, com os meus oito ou nove anos, continuava a jogar renhidos desafios que, de quando em vez, eram patrocinados e orientados pelos clubes grandes, que levavam o seu interesse e carinho pela petizada ao ponto de nomearem um árbitro «oficial» para dirigir esses jogos.

Porém, nos dias em que disputavam jogos oficiais, os meus irmãos encarregavam-me de levar gasosas e limonadas, que bebiam nos intervalos e no fim dos encontros.

E, se os meus irmãos defendiam as cores do Sporting, eu era, também, sportinguista...

Por motivos que não posso recordar nem interessam agora, dois dos meus irmãos tiveram uma desavença com os dirigentes do Sporting e isso deu lugar a que resolvessem mudar de clube, indo para o Royal.

Eu, que nada tinha que ver com o caso, continuei a frequentar a sede do meu Sporting, todas as tardes, ao regressar da escola.

Um dia, estava entretido a ver jogar bilhar quando surgiu o «director de semana», Pedro Parente, que todos conhecíamos pela alcunha de *Piló*, a mandar-me sair, dizendo:

— Vai-te embora daqui. Vai para onde foram os teus irmãos!

Tive ganas de lhe aplicar duas caneladas, mas eu era miúdo, ele um homem e, para mais, director do Sporting!

De nada me valeu barafustar. Fui posto na rua!

Lembro-me perfeitamente de que, já no passeio, lhe disse:

— O senhor, hoje, manda-me embora, mas lá virá o tempo em que me pedirá para voltar. Chegará o momento de lhe dizer que nunca mais volto ao Sporting. Sou garoto, mas serei homem...

Não acabei a frase, porque as lágrimas corriam-me pela cara...

Pedro Parente achou graça, riu abertamente e julgou que o azedume da criança passaria em breve.



Ângelo Furtado de Mendonça.

Lá fui, passeio fora, choroso, humilde e triste, jurando a mim próprio que teria de me fazer um homem.

Os meses passaram e, certa tarde, quando passeava no jardim público, alguém chamou por mim.

Olhei e reconheci o senhor Ângelo de Mendonça, que me disse:

— Senta-te aqui a meu lado e diz-me se queres fazer ginástica comigo.

— Pois claro, senhor Ângelo; gostava tanto de aprender...

— Ainda bem. Aparece amanhã, às sete da manhã no Atlético; lá conversaremos. Agora, vai passear...

Eu era um rapazola fisicamente bem constituído, forte, sadio e desempenado.

Mas o leitor perguntará: «Quem é Ângelo de Mendonça»?

Antes de mais, posso garantir, sem receio de desmentido, que a mocidade do meu tempo, em Moçâmedes, muito lhe ficou devendo e não o esquecerá. No meu caso pessoal, as páginas que se seguem darão ao leitor uma pálida ideia do que, ainda hoje, representa para mim, em gratidão e respeito, o nome desse grande ginasta e meu primeiro mestre.

Ângelo Furtado de Mendonça foi um dos nossos maiores ginastas-voadores, sendo, igualmente, estrela de primeira grandeza nos trabalhos em paralelas, barra lixa, argolas, etc.

Aluno, mestre e, mais tarde, dirigente do Ginásio Clube Português, ainda há bem pouco tempo foi alvo de significativa homenagem, levada a efeito no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa.

Pois foi Ângelo de Mendonça, levando-me para o Atlético Clube de Moçâmedes, onde mantinha, graciosamente, várias classes de ginástica, que fez de mim um homem para o desporto. De mim e de muitos rapazes, entre os quais destaco Fausto Côrte-Real e Jorge Radich.

Estes dois pupilos do mestre Ângelo atingiram classe à parte, e, se tivessem vindo para a metrópole, seriam, certamente, classificados entre os melhores daquele tempo.

No entanto, é melhor contar como ele fez de mim um razoável ginasta, um campeão de natação (100 metros livres), um remador aceitável em qualquer equipa desse tempo, um basquetebolista de apreciáveis recursos, um jogador de futebol com lugar na Selecção Nacional portuguesa e, até, um razoável jogador de «sueca» e «solo»!

Eu estava na flor da idade e o mestre Ângelo dizia que, enquanto estivesse entretido a jogar às cartas, como seu parceiro, ali sentado, não andaria lá por fora a fumar e a fazer «exercícios físicos» e «manuais» (*sic*) que só arruinavam a mocidade...

Quanta razão tinha e como ainda hoje lhe agradeço, meu bom mestre Ângelo de Mendonça!

Muito custou a passar aquela noite. Quase não dormi. Às 7h00 da manhã, lá estava.

Principiou a aula e, desde então, Ângelo de Mendonça dedicou-me sempre, mas sempre, cuidados especiais.

Obedecia-lhe cegamente; recebia como ordens todas as suas indicações e conselhos.

Disse-me certa vez:

— Se quiseres vir a ser um bom jogador de futebol, tens de começar pela preparação física. Não basta correr, saltar e dar pontapés na bola. É indispensável, primeiro, saber correr e saltar. Durante uns tempos nada mais farás do que ginástica. O resto, depois, não é difícil, porque tu tens jeito!

E assim aconteceu. Durante dois anos só fiz ginástica sueca e depois comecei a tomar contacto com os aparelhos.

Mas, nessa altura, já era eu quem ficava à frente da minha classe de ginástica sueca. Para os outros verem, fazia eu primeiro os exercícios, conforme as vozes de comando do mestre Ângelo. Depois, acompanhava a classe, em repetição.

Muito me sacrifiquei e muito sofri para conseguir passar dois longos anos sem jogar futebol a sério. Nadava e jogava basquetebol com frequência, mas não perdia as aulas de ginástica, três vezes por semana.



Aos 15 anos, envergando a camisola do meu primeiro clube: o Atlético Clube de Moçâmedes (camisola verde com o «V» branco; calção branco).

Sempre que dispunha de um bocadinho de tempo, assistia aos treinos de boxe, ministrados pelo *boxeur* profissional Joaquim Pereira Góis, sob orientação do mestre Ângelo.

A verdade é que, após aqueles dois anos de intensiva preparação, sentia-me mais leve, mais ágil, para correr e saltar e, portanto, com capacidade física para tentar, com relativa possibilidade de êxito, o meu desporto favorito: o futebol.

Autorizado pelo meu professor, comecei, então, a jogar futebol.

O Atlético dispunha de poucos jogadores com valor e, por isso, apenas inscrevera uma equipa na categoria de «reservas» do campeonato moçamedense, da qual fiz parte.

Nesses anos, realizou-se o encontro entre as selecções de Moçâmedes e Sá da Bandeira. Era o «Portugal-Espanha» angolano.

Aos 14 anos, jogando numa equipa que disputava o campeonato de «reservas», fui convocado para a selecção.

Não cabia em mim de contente!

E o miúdo — era assim que me tratava Ângelo de Mendonça — lá foi integrado na selecção de Moçâmedes, no lugar de interior-direito.

Joguei e não me saí mal. Ganhámos!

No ano seguinte, o meu clube formou a sua equipa de «Honra» e inscreveu-a. Era composta, com poucas alterações, pelos elementos do ano anterior. Chegámos ao fim do campeonato conquistando o título máximo!

Mas voltemos, agora, um pouco atrás.

O tempo decorrido fizera esquecer o azedume suscitado entre os meus irmãos e o Sporting.

Um deles, o Mário, que fora um dos melhores extremos-direitos da colónia, abandonara o futebol e aceitara, até, um cargo na direcção daquele clube.

Coincidira isto com o meu aparecimento na equipa de «reservas» do Atlético e, também, na selecção de Moçâmedes.

Instado pelos seus colegas da Direcção do Sporting, o Mário tentou levar-me para lá. Tantas vezes me falou, que, um dia, respondi-lhe:

— És mais velho do que eu. Se é uma ordem, obedeço-te. Se é um pedido, recuso-me.

Como era um pedido, nada conseguiu.

Chegou a vez de Pedro Parente me procurar.

Argumentou que não fazia sentido jogar contra o meu irmão Júlio e, como bom rapaz, devia esquecer o passado, etc.

Deixei-o falar, antegozando o momento de lhe responder como devia. A certa altura, interrompi o discurso para lhe dizer:

— Já basta, senhor Pedro Parente! Não esqueci o que me fez. Nem as minhas lágrimas o comoveram. O miúdo de há anos continua a ser o mesmo e a ter palavra. Jurei e cumpro: não voltarei ao Sporting Clube de Moçâmedes!

Ainda hoje vibro ao recordar, sentindo íntima satisfação e orgulho pela maneira correcta, mas altiva, como recusei o convite e as maldisfarçadas desculpas de Pedro Parente.

Na realidade, sempre me desagradou e foi penoso ser adversário do meu irmão Júlio, que era extremo-esquerdo de invulgares recursos.

Descreverei uma jogada, para ilustrar a sua categoria de futebolista.

Quando a Académica de Coimbra foi a Angola, era seu guarda-redes o grande Cipriano dos Santos, mais tarde campeão do mundo em hóquei em patins. Era tão popular e simpático, que o seu nome ainda hoje é recordado, especialmente quando se fala em hóquei.

Num jogo disputado em Luanda, o Júlio fintou dois adversários em curtos metros de terreno, surgiu, isolado, em frente da baliza à guarda do Cipriano e o «tiro» partiu, batendo, irremediavelmente, aquele que, ao tempo, era um dos melhores guarda-redes das equipas metropolitanas.

Terminado e encontro, Cipriano dos Santos declarou que considerava Júlio Peyroteo tão bom ou melhor extremo-esquerdo que João Cruz.

Não é isto verdade, amigo Cipriano? Viste por onde entrou a bola? Recordemos, com saudade, os bons tempos da nossa vida desportiva...

Aberto este parêntesis, voltemos à minha história.

Continuei a fazer parte da primeira equipa do Atlético e da selecção de Moçâmedes, sempre que esta realizou jogos.

Na ginástica, Ângelo de Mendonça dizia:

— Vês com que facilidade sobressais dos outros? Mais ágil, mais forte, com mais fôlego! Continua, Fernando; eu te garanto que o teu nome será falado!

O mestre Ângelo, com o seu saber, fez um atleta. O resto foi simples e fácil para mim.

Se não fosse ele, o nome de Fernando Peyroteo seria ignorado no meio desportivo nacional e, portanto, nunca este livro seria escrito.

. . .

Como já disse, a minha actividade desportiva não se resumia a jogar futebol. Os campeonatos eram muito curtos e, daí, a necessidade de praticar outras modalidades.

BASQUETEBOL

Por ser uma modalidade ainda pouco conhecida, mal se jogava basquetebol em Moçâmedes.

O meu clube, o Atlético, formara duas equipas e eu fazia parte de uma delas, por sinal a mais fraca.

Interessado como estava na modalidade e, sobretudo, porque os treinos eram orientados pelo mestre Ângelo — sempre ele! —, dediquei-me ao estudo das regras e, em pouco tempo, conheci-as perfeitamente, de modo que o facto constituía vantagem sobre companheiros e adversários.

Conhecer e saber interpretar as leis do jogo que praticamos permite-nos resolver, momentaneamente, qualquer problema que surja e tirar partido das situações difíceis.

Convém acentuar que o desporto em nada prejudicava as minhas horas de estudo. Por isso, lia e compreendia as regras das modalidades a que me dedicava.

Em Sá da Bandeira havia, também, várias equipas de basquebol, de modo que, certo dia, aprazou-se um encontro intercidades.

Como termo de comparação, direi que a rivalidade desportiva entre Moçâmedes e Sá da Bandeira é idêntica à de Lisboa-Porto.

A escolha do árbitro para dirigir o encontro recaiu sobre mim. Tinha 14 anos e confesso que a resolução me desagradou e amedrontou!

Não aceitei o encargo sem autorização da minha Mãe, que, por sua vez, consultou os meus irmãos mais velhos. O caso não era para brincadeiras, porque uma má arbitragem poderia valer-me... alguns dias de cama!!!

Os meus irmãos concordaram. Deram-me conselhos e a garantia da sua presença no jogo...

Senti alívio! Fora do rectângulo, para me defender, estariam três homens de maior envergadura do que a que tenho hoje...

Não havia dúvidas de que estaria bem amparado, mas também sabia que nada me livrava de alguns tabefes, em casa, se fizesse asneira.

E foi assim, pensando no que me poderia acontecer, que reuni os capitães das duas equipas para a escolha do campo.

Principiou o jogo; mais apitadela, menos apitadela, e os ânimos começaram a excitar-se. Moçâmedes ganhava. O Abel Vaz Pereira — um autêntico matulão! — marcava pontos e o Marinho de Sousa discutia (?) a sua validade.

Castigo! Três lançamentos livres, três cestos e assim por diante.

A certa altura houve sarilho e ameaças de bofetadas! Eu estava, na verdade, assustado como um passarinho com tais promessas, mas fiz «ouvidos de mercador», mostrando sempre a maior indiferença e calma em face dos prometimentos.

Porém, o «grande» Abel ouviu e disse-me pouco depois:

— Se houver barulho, vem para junto de mim, que ninguém te fará mal!

Foi o suficiente, porque o homem das ameaças ouviu e quedou-se silencioso!

Terminado o jogo, fui felicitado por jogadores e público. A arbitragem, se não foi isenta de erros, teve o mérito de ser imparcial.

Os meus irmãos estavam radiantes, por dois motivos: primeiro, porque o «miúdo» cumprira; segundo, porque não foram obrigados a fazer uso do físico... E que físico, santo Deus!!!

Mal sabiam todos que, se não fora o Abel Vaz Pereira, eu teria largado o apito e desatado a fugir!...

Pobre Abel, que já não pertences a este mundo! Paz à tua alma!

Quem havia de supor que fui praticante e árbitro de basquetebol?!...

NATAÇÃO

A linda e magnífica baía de Moçâmedes presta-se admiravelmente à prática dos desportos náuticos.

Contudo, no meu tempo, e a despeito das excepcionais possibilidades que a baía oferece, o desporto da vela limitava-se a espaçadas

passeatas em canoas. Estes barcos, construídos para a pesca no alto-mar, serviam, também, para recreio domingueiro dos seus proprietários e amigos.

Não me recordo de ter visto ali qualquer barco de construção apropriada a este desporto, mas sei que, actualmente, ele é uma realidade em Moçâmedes.

As águas tranquilas e límpidas do Atlântico proporcionavam à juventude riquíssimos banhos. Passávamos horas dentro de água. Em dias de menos obrigações ou deveres de estudo, íamos para a praia às 8h00 da manhã, para só de lá sairmos às 12h00. Com seis anos de idade já eu sabia nadar. Aprendi rapidamente, como conto em seguida.

Uma dezena de rapazes tomava banho. Eu olhava-os embevecido, mas triste, por ficar a brincar com a espuma branca das ondas, sem poder acompanhá-los.

De súbito, senti-me agarrado!

Jaime Sampaio Nunes, grande nadador, despiu-me e, pegando em mim, completamente nu, atirou-me ao mar, como se eu fosse um objecto inútil.

É fácil calcular o susto que apanhei! Isto passou-se na ponte-cais, que fica uns três metros acima do nível das águas.

Ainda eu ia no ar quando Jaime Sampaio, no seu estilo impecável, mergulhou a meu lado.

Vendo-me em aflições, ajudou-me a chegar à praia. Depois, durante cerca de meia hora, ensinou-me o que devia fazer para nadar. E pronto! Largou-me.

Perdido o medo, mas ainda receoso, continuei na água, esbracejei, movi as pernas como ele ensinara e comecei a flutuar.

Decorridas, talvez, duas horas, já nadava uns metros e, dois ou três dias depois, entrei a fazer habilidades, lançando-me de três ou quatro metros de altura.

Não há exagero. Ângelo Mendonça pode comprovar o que afirmo.

De resto, em Moçâmedes, ainda hoje, é raro encontrar um garoto de seis ou sete anos que não saiba nadar, embora sem estilo...

Não terão aprendido como eu, mas, daquele ou de outro modo, o certo é que todos nadam mais ou menos bem.

Um dia, organizaram-se provas de natação. Entre outras, a de 100 metros livres.

Dos concorrentes, recordo o Marinho de Sousa — amigo que muito estimo e admiro —, actual inspector do porto de Luanda, a quem já me referi no capítulo de basquetebol, e o Aníbal Russo, cujo paradeiro ignoro.

A partida foi feita a bordo de um barco estacionado perto da ponte-cais e a chegada era na jangada que se encontrava em frente da praia de banhos.

Aníbal Russo era um nadador vigoroso, de braçada firme, possante.

Marinho de Sousa, um magnífico estilista, nadava *crawl* com razoável velocidade. Quanto a mim, não sei em que «estilo» nadava. O que sei é que cheguei à jangada em primeiro lugar, muito distanciado dos dois mais próximos concorrentes!

Não cabia em mim de contente, mas o Aníbal Russo e o Marinho de Sousa não gostaram da proeza. Em especial, o segundo, que não gostava de perder, mesmo que fosse a feijões!...

Não restam dúvidas de que qualquer deles nadava melhor do que eu. Mas era mais jovem e supria a falta de técnica com a força de braços e pernas... Contava apenas 14 anos!...

Fui, portanto, campeão de Moçâmedes em natação: 100 metros livres.

REMO

Por carência de barcos apropriados, a organização de competições náuticas, com regularidade, era praticamente impossível.

Porém, tal como várias vezes aconteceu no respeitante a provas de natação, também se realizavam, de quando em vez, regatas em barcos a remos.

Eu fazia parte de uma das equipas do Atlético, mas só uma vez remei em competição formal.

O barco não obedecia a quaisquer características técnicas especiais, mas, pela sua configuração esguia, e sendo leve, deslizava bem sobre a água.

A minha boa estrela mais uma vez me acompanhou.

Alcançámos o primeiro lugar da classificação geral, cujo prémio foi um espelho. Objecto de pouco valor, que se poderia comprar com uma centena de angolares, teve, para nós, e especialmente para mim, valor incalculável, porque representava... mais uma vitória no desporto!

Também remei, meus amigos...

De tudo um pouco, para... não morrer ignorante!

EQUITAÇÃO

O Atlético mantinha em actividade uma escola de equitação, dirigida por um sargento do Exército, de apelido Portilheiro.

Se não estou em erro, o Sr. Dr. Torres Garcia (bom amigo, falecido há anos em Coimbra) era o presidente da Direcção do clube e, também, director de uma importante companhia possuidora de bons cavalos, que eram utilizados na nossa escola.

Duas vezes por semana lá estava eu e outros rapazes, devidamente equipados, para aprendermos a «arte de bem cavalgar toda a sela».

Aprendi a montar, mas nunca entrei em competições. Em hipismo, não passei das aulas de aprendizagem e alguns passeios.

De sorte que, neste capítulo, recordarei apenas alguns sustos que apanhei.

Os professores de equitação gostam de fazer, uma vez por outra, partidinhas aos seus alunos: o mestre Portilheiro não fugia à regra... O picadeiro era um recinto de chão duro, rodeado de paredes; um quintal adaptado para o efeito, ao qual, pomposamente, chamávamos picadeiro. Certo dia, montava eu uma égua amarela-branca. O professor, ao meio do recinto, levantou o chicote, ouviu-se o estalido e o animal começou a andar...

Primeiro a passo, depois a trote e, por fim, a galope. Nisto, a ponta do chicote começou a estalar em frente do focinho da égua, a fim de a fazer dar uma volta rápida sobre as patas traseiras e caminhar em sentido contrário.